

# capitalismo, reprodução e quarentena

Silvia Federici

Tradução Tadeu Breda

Nós, feministas, repetimos há muitos anos que este sistema não garante nosso futuro, nem nossa vida presente. Este sistema está nos matando de muitas maneiras.

Com a agricultura industrializada, por exemplo, ao produzir alimentos que prejudicam nossa saúde (em 2019, mais de quatro milhões de pessoas morreram de diabetes em todo o mundo devido, entre outros motivos, ao veneno do *fast-food*), e também com a poluição das águas, pelo uso de pesticidas.

As camponesas, as indígenas, as moradoras das periferias urbanas formam a primeira linha na luta por uma sociedade distinta, por uma reprodução que nos dê vida, que nos dê um futuro, que nos nutra — e que não nos mate.

Esta pandemia faz com que injustiças que ocorrem todos os dias (com a guerra, os despejos, os deslocamentos forçados, as expropriações, a contaminação ambiental) se tornem muito visíveis, muito evidentes, e que se resumem na destruição da natureza.

Outro exemplo é o aumento do desespero. Mais de vinte mil pessoas já morreram nos Estados Unidos devido ao novo coronavírus [números referentes a 16 de abril de 2020]. É terrível, é aterrorizante. Somente no ano passado, 48 mil pessoas se suicidaram: tiraram a própria vida porque essa vida tem se tornado mais triste, mais difícil.

Como sempre, as mulheres sofrem mais também agora. Hoje, podemos ver que elas estão na linha de frente como trabalhadores da assistência social e de sanitária, e mesmo nos trabalhos mais precarizados. Há ainda uma carga maior do trabalho em casa: cuidar dos filhos em tempo integral, não lhes transmitir medo, protegê-los dessa ameaça.

Tudo isso visibiliza a importância da reprodução. "Reprodução" é uma palavra que ainda se refere a muitas realidades diferentes, mas conectadas. Reprodução é cuidado, educação,

culinária, acompanhamento de doentes. E também o cuidado da natureza.

É uma agricultura sustentável, que também depende muito das mulheres. Uma agricultura que não busca o lucro, mas o sustento das pessoas e de suas famílias. Com esse tipo de agricultura, podemos nos certificar de que o que comemos não vai nos matar – pelo contrário, vai nos nutrir. A agricultura industrializada nos provocou câncer, além de outras doenças derivadas de um modelo baseado no lucro.

A reprodução é o terreno estratégico fundamental para a construção de um futuro, de uma sociedade. Reprodução significa vida, futuro. Vivemos em um sistema capitalista cujo problema fundamental, que o torna insustentável, é que ele se baseia sistematicamente na subordinação da reprodução da vida, do futuro, uma vez que se pauta pelo lucro individual e no das corporações, a partir da exploração do trabalho humano. Pode-se observar que todas as medidas políticas e econômicas colocadas em ação [para combater a pandemia] são moldadas por esse objetivo.

As mulheres já estão lutando. Os movimentos das mulheres são estrategicamente importantes hoje. A luta é recuperar a medida mais básica de nossa reprodução: a riqueza social que produzimos, a terra, a água, as florestas.

Redes de mulheres que estão sendo formadas para fortalecer não apenas nossa capacidade de resistir ao Estado e ao capital, mas de impor outro tipo de sociedade: uma sociedade onde a vida está no centro, como se diz na Espanha e na América Latina. E também que possa criar formas mais solidárias de reprodução.

Conversamos sobre a política dos bens comuns há muitos anos. Este conceito nunca foi tão claramente verificado. Pense coletivamente, não individualmente. Pense em nossa vida cotidiana,

em nosso trabalho, no futuro. Agora, as elites estão tentando nos isolar em nome dessa epidemia. Nós devemos ter muito cuidado. O medo é que se utilizem da pandemia, do nosso medo de morrer – que é muito forte, muito legítimo – para continuar nos isolando e desmantelando nossos protestos.

É importante começar a recuperar o controle de nossas vidas e a tomar decisões coletivas. Isso também significa que parte de nossa luta deve fazer com que o Estado se torne parte da recuperação da riqueza social. O Estado deve realocar os locais onde podemos cuidar de nossa saúde. Agora só podemos estar em casa ou no hospital. Muitas pessoas têm medo de ir ao hospital porque sabem que podem ser infectadas. O hospital não é apenas um espaço de assistência médica. É um lugar onde não há insumos, onde aqueles que trabalham estão em perigo.

Eis a importância de se mudar, de ter estruturas comunitárias, como muitos países já tiveram. Antes do neoliberalismo, havia pequenas clínicas, locais onde uma pessoa poderia ir se tivesse problemas, sem ter que ir ao hospital. Essa estrutura também pode exercer maior controle sobre o tipo de atendimento que eles nos prestam, do que precisamos. Poderia ser estabelecido um intercâmbio entre as pessoas do bairro, a comunidade e os que trabalham nas instituições. Precisamos revitalizar essa estrutura.

Hoje não é Estado sim ou não. É claro que temos a necessidade de usar estruturas que provêm das instituições, porque não temos alternativa. Uma alternativa é começar a refletir coletivamente sobre o que precisamos, sobre nossa saúde, sobre alimentos, sobre o território, sobre todas as situações que afetam nossas vidas. Enquanto isso, vamos transformar a agricultura e a saúde, criar formas de controle coletivo.

É importante refletir sobre a realidade diária antes do coronavírus. E falo, sobretudo, dos

Estados Unidos: no período 2017-2018, mais de sessenta mil pessoas morreram de influenza. E quase meio milhão de pessoas morreram de câncer. Milhares e milhares morrem de diabetes. É uma estatística incrível.

Voltando ao começo: é um sistema que cria uma condição de morte permanente. Sem mencionar a guerra: por anos e anos, os Estados Unidos e a União Europeia, em cumplicidade, criaram uma situação de conflito permanente que destruiu o Oriente Médio e, agora, está destruindo o norte da África.

Como mulheres, como feministas, temos uma visão particularmente clara da importância da reprodução da vida. Quais são as nossas vulnerabilidades e quais as nossas necessidades? Precisamos de uma luta muito ampla.

Uma luta que conecta mulheres em áreas urbanas com áreas rurais para criar novas estruturas, novos laços de solidariedade, novas formas de reprodução. Sempre inspirado no conceito de que a reprodução da vida, a finalidade da sociedade, deve ser o bem-estar, o bem viver – e não lucro privado.

**Silvia Federici**, autora de *Calibã e a Bruxa* e *O ponto zero da revolução* concedeu essa entrevista à sua editora espanhola.

Publicado originalmente por Traficantes de Sueños  
<https://www.youtube.com/watch?v=owGL58FdCPs>